

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

QUEM OLHARÁ POR MIM? O ENCONTRO ENTRE CUIDADORES E
JOVENS EM SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO.

BOLSISTA: Andreza Cristina da Costa Silva, FAPEAM

MANAUS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0050/2014

QUEM OLHARÁ POR MIM? O ENCONTRO ENTRE CUIDADORES E
JOVENS EM SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO.

Bolsista: Andreza Cristina da Costa Silva, FAPEAM.

Orientadora: Ermelinda do Nascimento Salem José

Co-Orientadora: Rebecca Nunes de Assis

MANAUS

2015

Todos os direitos deste relatório são reservados a Universidade Federal do Amazonas, ao Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, da Faculdade de Psicologia e aos seus autores.

Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas, FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, sendo desenvolvida pelo Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário da Faculdade de Psicologia.

DIVISA

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,

Uma resposta provoca uma centena de perguntas.

Mais importante do que a poesia é o seu resultado,

Um poema invoca uma centena de atos heroicos.

Mais importante do que o conhecimento é o seu resultado,

O resultado é dor e culpa.

Mais importante do que a procriação é a criança.

Mais importante do que a evolução da criação é a

evolução do criador.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.

Em lugar de passos criativos, o criador.

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.

E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos

e colocá-los-ei no lugar dos meus;

E arrancarei meus olhos

para colocá-los no lugar dos teus;

Então ver-te-ei com os teus olhos

E tu ver-me-ás com os meus.

Assim, até a coisa comum serve o silêncio

E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:

O Lugar indeterminado, num tempo indeterminado,

A palavra indeterminada para o Homem indeterminado.

**Traduzido de "Einladung zu einer Begegnung",
por J.L.Moreno, pág.3, publicado em Viena, 1914.**

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar como diferentes manejos de profissionais com jovens em situação de acolhimento institucional influenciam nos vínculos sócio afetivos que estes podem formar. A pesquisa foi elaborada na Casa Mamãe Margarida, uma instituição filantrópica, com jovens do sexo feminino de 14 aos 18 anos e com cuidadores de, no mínimo, 6(seis) meses de trabalho na casa. Tem-se como referencial teórico o olhar sócio histórico, possibilitando visualizar a importância dos fatores sócio culturais na imbricada relação meio e indivíduo. Deste modo, foi traçado um histórico das instituições de acolhimento no Brasil e os parâmetros do Estatuto da Criança e do Adolescente, os quais estabelecem formas legais ao cuidado de jovens abandonados. A presente pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando instrumentos como entrevistas semiestruturadas, diário de campo e observação participante. Os resultados foram analisados a partir da hermenêutica dialética de Minayo e do olhar da Fenomenologia, com isso, verificou-se uma similaridade ao tocante as relações afetivas entre jovem e cuidador, além de ações empenhadas em fornecer à criança e ao adolescente institucionalizado um espaço para fomentação da educação e profissionalização, e o diálogo acerca das demandas trazidas pelas abrigadas. Recomenda-se a necessidade de novas pesquisas, visto a importância dos vínculos afetivos internos e externos à instituição, objetivando a qualidade da permanência de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional, Jovens, ECA, Vínculos, Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT

This research aims to analyze how different management professionals with young people in institutional care situation influence the socio affective links they can be formed. It was developed in the Casa Mamãe Margarida, a philanthropic institution, with young women aged 14 to 18 years and caregivers of at least six (6) months working in the house. It has been as a theoretical socio-historical aspect, allowing to visualize the importance of socio-cultural factors in imbricated relationship between social environment and individual. Thus, it was traced a history of host institutions in Brazil and the parameters of the Statute of Children and Adolescents, which establish legal ways to the care of abandoned children. This research was conducted from a qualitative approach; using tools such as semi-structured interviews, field diary and participant observation. The results were analyzed from a hermeneutic dialectic of Minayo and the phenomenology study, therefore, there was a similarity to respect the emotional relationships between young and caretaker as well as committed actions to provide the children and adolescents institutionalized a space for fostering of education and vocational training as well as dialogue about the demands brought by the sheltered people. It is necessary for further research, as there are internal and external important affective links to the institution, aiming at the quality of the permanence of children and adolescents in situations of social vulnerability.

Keywords: Home Institutional, Adolescents, ECA, Links, Social Vulnerability.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
DESENVOLVIMENTO	10
DESCRIÇÃO DA CASA MAMÃE MARGARIDA.....	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	16
RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXO.....	34

INTRODUÇÃO

Quando se é levado a descrever o fenômeno da adolescência, tem-se a nítida e persistente ideia de que se trata de um período permeado por conflitos, mudanças físicas e psíquicas e que todo jovem, em qualquer sociedade em que esteja inserido, vai vivenciá-lo da mesma forma, ou seja, há uma universalização e naturalização desses conceitos. Considerando-se o tema que envolve o abrigo de adolescentes, com o objetivo pautado em perceber a formação dos vínculos sócio afetivos dos jovens com os seus cuidadores e, a partir dessa interação, observar como seus desdobramentos subjetivos são expressos, verifica-se que aquela forma de pensar a adolescência não condiz com a prática vivenciada por muitos jovens.

Visto isso, é importante perceber a adolescência como um substrato singular de cada sujeito, criado pelo mesmo a partir do seu contexto histórico e social. Seguindo esta linha de pensamento, pode-se suscitar uma nova concepção do fenômeno adolescência:

Entender a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais e olhar e compreender suas características como características que vão se constituindo no processo [...]. Os modelos estarão sendo transmitidos nas relações sociais, através dos meios de comunicação, na literatura e através das lições dadas pela Psicologia” (AGUIAR, BOCK e OZELLA, 2001, p.171).

Estar num mundo sempre remete ao indivíduo significar as suas relações. Independente do sentido criado, tem-se a tendência a criar significado para todas as coisas que rodeiam o ser. Considerando-se esse aspecto, adolescentes que vivenciam um espaço de acolhimento institucional trazem consigo uma bagagem de informações que devem ser decodificadas e ressignificadas.

Contudo, devido aos preconceitos instituídos, cria-se a ideia de que jovens em situação de abrigo são pessoas incapacitadas de criar novos laços, de criar vínculos afetivos positivos, pois existe algo de ruim na história de vida deles que os paralisa na ressignificação. De fato, não devemos esquecer que esses jovens passaram por muitas situações de risco e de violações de direitos oriundos das pessoas que os deveriam

proteger. Porém é importante compreender que não foram culpados por terem sofrido tipos variados de violência. Com isso, cabe à Instituição promover um espaço de vivências positivas, sem reproduzir os estigmas vividos na estrutura familiar.

A presente pesquisa tem por intuito repensar os manejos profissionais nessas instituições, observando a presença da interação jovem e cuidador, o substrato do vínculo que potencializa o desenvolver do jovem e as significações que são atribuídas por eles. Segundo Ozella (2003):

O processo de configuração subjetiva não é portanto uma mera expressão direta do mundo material que se impõe de fora, mas a síntese entre o novo que se experimenta e os conteúdos subjetivos já configurados até então [...]. Este é o curso do desenvolvimento humano, que converte experiências em sistemas de signos que mediatizam e organizam o funcionamento integral de todas as funções psicológicas (OZELLA, 2003, p.107).

A partir disso, compreende-se que a formação dos vínculos é um constante processo de construção e reconstrução, uma síntese das formações antigas com as novas. Dessa forma, o cuidador é percebido como mediador da mesma, na qual utiliza-se de ferramentas de linguagem e expressão para estabelecer uma interação com os jovens. Segundo Bronfenbrenner (1979; 1996) *apud* Siqueira & Dell’Aglío, (2006) as estruturas interpessoais, presentes nas formas de interação no abrigo consistem em três características: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e a relação afetiva, onde cada uma coexiste na imbricada relação.

Neste trabalho se escolheu investigar esse processo de formação de vínculos com jovens da Casa Mamãe Margarida, do sexo feminino, na faixa etária de 14 aos 18 anos, e cuidadores entre profissionais como Assistente Social e Psicóloga, sendo importante mencionar que boa parte das cuidadoras já foi residentes da instituição.

Com isso, a pesquisa utilizou dessa e mais informações para fomentar que os vínculos criados na instituição realmente são elaborados, e que as jovens têm como exemplo os próprios monitores, fator este primordial no processo de resiliência e na qualidade de vida futura.

DESCRIÇÃO DA CASA MAMÃE MARGARIDA

A Casa Mamãe Margarida é uma instituição não governamental, sua fundação ocorreu em 24 de fevereiro de 1986 e inaugurada no dia 02 de abril do mesmo ano. Possui como missão despertar sonhos e esperanças na vida de tantas crianças e adolescentes da cidade de Manaus. Seus objetivos são pautados em acolher, defender e promover a vida de crianças e adolescentes do sexo feminino, com capacidade de atendimento a 250 nos serviços sócio assistencial de proteção básica na faixa etária de 6 a 18 anos, e à crianças e adolescentes nos serviços de acolhimento institucional na faixa etária de 0 a 18 anos, dentre elas as crianças filhas(os) de adolescente acolhida, com prioridade às que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social com vista à garantia de direitos sociais em conformidade com a Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente e demais legislações.

A Casa é sinal do triunfo da esperança, da partilha, sendo fruto do compromisso evangélico e social das Filhas de Maria Auxiliadora, Madre Mazzarelo e Dom Bosco. A instituição busca através de seu objetivo geral e nos objetivos específicos, desenvolver ações com forte empenho sócio educativo e evangelizador, sempre a luz da legislação de nosso país e da mensagem e testemunho do Cristo Bom Pastor. As metas e compromissos do projeto social buscam a promoção de ações educacionais, assistenciais, psicológicas, esportivas, lúdicas e culturais, tendo como princípio básico: Acolher, Defender e promover a vida. Dentre os objetivos específicos, listam-se:

- Promover ações psicossocioeducativas destinadas ao atendimento a crianças e adolescentes do sexo feminino na faixa etária de 0 a 18 anos, dentre as quais as crianças filhas(os) das adolescentes acolhidas, encaminhadas pelo Juizado da Infância e Juventude, efetivando o fortalecimento de vínculos;
- Suscitar ações no acolhimento institucional que preservem os vínculos familiares promovendo o convívio familiar e comunitário, com vista ao gradativo desacolhimento institucional;
- Elaborar e manter atualizado o Plano Individual de Atendimento (PIA) para o acompanhamento individualizado e personalizado, assim como manter atualizado o cadastro de atendimento institucional.
- Acompanhar as audiências concentradas realizadas na instituição sob a coordenação do Juizado da Infância e Juventude, e manter atualizados os processos

individuais, atas e relatórios circunstanciais das crianças e adolescentes e de seus familiares.

- Mobilizar e articular com os órgãos do sistema de garantias de direitos e da política educacional, com a rede de instituições não-governamental, movimentos e organizações da sociedade civil que atuam na área da criança e adolescente, Fóruns e Conselhos de Defesa e garantias de direitos, a discussão e elaboração das políticas públicas voltadas para o acolhimento institucional.
- Viabilizar ambiente adequado a um atendimento humanizado, bem como alimentação saudável, materiais que possibilitem a realização das diversas oficinas psicossocioeducativas destinadas às crianças e adolescentes atendidas.
- Oferecer ações psicossocioeducativas que permita à criança e ao adolescente atuar como sujeito no contexto social, promovendo atividades complementares a jornada escolar, incentivo à leitura e pesquisa na biblioteca e no laboratório de informática, garantindo o desenvolvimento de habilidades individuais para a vida, através de práticas culturais, religiosas, de lazer e esportivas, que despertem sentimentos de autoestima, vivência em grupo e promoção de cidadania, estimulando a integração à escola, à família e à comunidade.
- Proporcionar às crianças, adolescentes e suas famílias, acompanhamento especializado, individual ou em grupos, com equipe técnica formada por assistentes sociais, psicólogos, pedagogos e psicopedagogos. Às famílias o acompanhamento é realizado através de visitas domiciliares e atendimento na própria instituição.
- Oferecer ensino fundamental do 1º ao 5º ano em convênio firmado com a prefeitura Municipal de Manaus – Secretaria Municipal de Educação – SEMED
- Celebrar convênio com o governo do Estado do Amazonas, por intermédio da Secretaria de Estado da Assistência Social e Cidadania – SEAS, para o financiamento do acolhimento institucional.
- Identificar e formalizar novas parcerias públicas, privadas, instituições não governamentais nacionais e internacionais para o financiamento das ações desenvolvidas na instituição.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A questão das instituições como alternativa de acolher crianças e jovens é bem mais antiga do que se imagina. Segundo Siqueira (2006) *apud* Marcilio (1997), no Brasil do período colonial a *roda dos expostos* era uma estrutura religiosa adotada da Itália e foi uma das instituições mais duradouras no quesito de assistencialismo de infantes e jovens abandonados anonimamente. Jovens de classes não abastadas, sem recursos de manutenção e nem subsistência, encontravam como alternativa essa forma de acolhimento, ou muitos eram adotados por outras famílias substitutas como forma futura de mão de obra socialmente aceita.

No entanto, apesar do fator vulnerabilidade econômica estar presente na maioria dos discursos de pesquisas científicas frente à história desses jovens, deve-se salientar que não se trata de um fator determinante. Segundo o Vectore (2008) *apud* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA- 2003), a institucionalização de crianças e jovens segue uma linha multifatorial, sendo os principais motivos: as condições de pobreza, a violência doméstica, o uso de entorpecentes e álcool por parte da família, crianças moradoras de rua, crianças órfãs, cárcere dos pais ou responsáveis e abuso sexual praticado por familiares.

No Brasil, apenas no ano de 1860 surgiram inúmeras instituições de abrigo voltadas para o acolhimento de crianças e adolescentes. No entanto, falhas no que tange à qualificação das práticas, bem como das estruturas físicas dos espaços, eram muito frequentes e depreciativas. No período da República um novo modelo de assistencialismo foi introduzido, a fim de substituir o modelo religioso: era denominado de filantropia. Segundo Siqueira (2006) *apud* Freitas (1997), o advento da República ensejou uma revalorização da infância, uma vez que o imaginário reiterava de várias formas a imagem da criança como herdeira do novo regime que se estabelecia.

Goffman (1974), baseado em sua vivência em um hospital de doentes mentais, descreveu, em seus estudos, as estruturas das *instituições totais*, a partir de um olhar do próprio institucionalizado e não da equipe médica, o que proporcionou um ângulo antes não visualizado pelos pesquisadores. Seu estudo enfatizava, a priori, as características das instituições totais, sendo elas um espaço público que se utiliza de padrões de tratamento

massificado, de uma grande demanda de pessoas vivendo de forma coletiva e sem a possibilidade de expressar suas singularidades, de disciplina e rigidez frente aos institucionalizados, fechadas em si e obedecendo ao tempo da instituição, excluindo qualquer contato ou estímulo do mundo externo.

Visto as precariedades desse serviço e observada a necessidade de rever muitas questões frente à infância e adolescência, o Estatuto da Criança e do Adolescente foi elaborado em 1990, sustentado em diretrizes e normas, possibilitando olhar esses jovens como seres de direito e não objetos de tutela, necessitados de atenção não só de uma instância, mas da família, comunidade e Estado. O Estatuto preconiza, também, que os jovens incluídos nas entidades de atendimento, em especial as de acolhimento, devem ter preservadas suas identidades, com base no suporte do ambiente de respeito e dignidade aos mesmos. Essas instituições devem, ainda, diligenciar no sentido do restabelecimento e da preservação dos vínculos familiares (ECA,1990).

Em razão de tantos outros parâmetros amparados pelo ECA, no que diz respeito à qualidade do tratamento de crianças e jovens e a constantes reafirmações de seus direitos como seres viventes, muitas mudanças ocorreram em torno das práticas realizadas dentro das instituições. Siqueira (2006) afirma que a implantação do ECA possibilitou mudanças efetivas frente ao contexto das instituições de assistência e à sua configuração como um todo, verificando a saída da metodologia puramente assistencialista para a concepção de um espaço de desenvolvimento e socialização.

A partir das literaturas consultadas, verifica-se que os preconceitos instituídos e a reafirmação das medidas tradicionais, ou melhor, oriundas das instituições totais estudadas por Goffman (1974), frente a esse público de jovens e crianças ainda é muito recorrente e praticada, tanto pela sociedade quanto pelos profissionais do contexto de abrigo – mesmo depois das reformas feitas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

A constatação das várias possibilidades de adolescências, a reformulação do ECA e as recentes pesquisas na área da Psicologia Social, possibilitam outra forma de perceber o fenômeno, avaliando que o jovem é um ser de direitos e que, quando estes são violados, devem ser reavaliadas as práticas disponibilizadas a ele, na tentativa de reduzir sua vulnerabilidade.

Seguindo o pensamento de Arpini (2002):

A passagem por uma instituição de abrigo, por outro lado, representa marca dolorosa na vida desses jovens, pois as situações que os levam à institucionalização são sempre muito duras, fazendo com que convivam com experiências muito dramáticas. A isso se soma, ainda, a saída da vida familiar, que os leva, em virtude do distanciamento criado, a refletir sobre o que significou a sua vida e o que representa sua família. (ARPINI, 2002, p.72).

É importante ressaltar que a alternativa de acolhimento institucional surge como medida social, visto todas as precariedades que crianças e jovens abandonados vem passando, mas que o ECA afirma que nas situações de jovens e crianças em abrigo a promoção da reinserção familiar é fundamental e a instituição deve reestabelecer esse vínculo. A partir disso, mesmo aparentando uma incoerência, pois a maioria das crianças e adolescentes abandonados sofreram algum tipo de violação de direito que, muitas vezes, partiu da própria família nuclear, ainda assim o vínculo com as pessoas com quem o jovem teve suas primeiras significações não deve ser quebrado. O abrigamento é uma medida provisória e, com isso, deve proporcionar ao residente as melhores condições humanas, principalmente o que lhe foi tirado: o afeto.

Com isso, busca-se problematizar questões referentes ao trato de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, pois, apesar de provisório, é uma alternativa viável que continuamente vem ganhando forma. As pesquisas voltadas para o âmbito da infância e juventude, embasadas no ECA, estão mais articuladas e preocupadas com a qualidade desse serviço e, um ponto disso, é a utilização das redes de apoio que, a cada dia, estão mais precárias no quesito de assistência.

Um outro ponto sobre o qual é importante refletir se refere a como podemos entender a instituição denominada família e, a partir disso, desmembrar os seus possíveis significados na vida de cada indivíduo. Seguindo o pensamento de Lauz & Borges (2013), é possível perceber que:

A família é considerada um sistema dinâmico e é apontada como um espaço de refúgio, que atua como um continente, delimitando atribuições, regras e lugares e desempenha também um papel fundamental na educação do sujeito, pois, através do processo de

socialização, ocorre a perpetuação e a transmissão de valores éticos, morais, religiosos e culturais, entre outros (LAUZ & BORGES, 2013, p.854).

A partir disso, podemos considerar a família como todo e qualquer grupo que possibilite ao indivíduo vivenciar um espaço acolhedor e que, também, possa impor regras e limites, de modo que esse espaço se torne uma fortaleza para refúgio, podendo exercer influências positivas e negativas que só serão visualizadas no decorrer do desenvolvimento do sujeito. De fato não se sabe a origem do conceito família: se é algo natural do ser humano, ou algo construído socialmente. No entanto, abarcar esses pontos de maneira mútua é importante.

Estar inserido e se sentir pertencente a um grupo, a uma família, independente dos seus arranjos e estruturas, é um fator determinante no bom desenvolvimento social de cada sujeito. Logo, é necessário possibilitar que jovens em situação de acolhimento institucional experienciem situações de acolhimento oriundo dos profissionais do espaço, para a fomentação do seu substrato social e afetivo.

2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando instrumentos como entrevistas semiestruturadas, diário de campo e observação participante. Sobre a pesquisa qualitativa, os autores em Psicologia entendem que:

A pesquisa qualitativa em Psicologia, e também em Educação, questiona, e põe em dúvida, o valor da generalização. Com isso, diferencia-se da pesquisa comum feita em ciência, ou seja, da pesquisa realizada em moldes científicos tradicionais, que é quantitativa e que tem como alvo chegar a princípios explicativos e a generalizações sobre o estudado. (JOEL MARTINS E MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO, 2005, p.22)

Conforme o excerto, a pesquisa qualitativa tem por intuito descrever o fenômeno a partir da forma como ele se apresenta e assim interpretá-lo. Para a coleta dos dados, 10 (dez) adolescentes se disponibilizaram para a pesquisa e 4(quatro) cuidadores foram entrevistados, um número limitado frente a equipe que prestam atendimento, porém devido a sistemática do serviço que prestam e sua disponibilidade para participar da investigação, seus posicionamentos foram respeitados.

Visando manter o sigilo e a privacidade das participantes do estudo, as entrevistas e observações foram realizadas na Instituição Mamãe Margarida, localizada no bairro São José III, na Zona Leste de Manaus.

Os critérios de inclusão foram: adolescentes do sexo feminino, de 14 a 18 anos, residentes na instituição Mamãe Margarida; e profissionais que trabalham com essas adolescentes. Os critérios de exclusão foram: adolescentes e profissionais que se encontram há menos de 3 (três) meses na instituição, tal critério precisou ser reformulado para as jovens consistindo em menos de uma semana, devido a dinâmica de entrada e saída das mesmas, e a demanda da própria instituição. Consoante ao fluxo e sistemática da Instituição, o ECA(1990) discorre que:

As entidades que mantenham programa de acolhimento institucional poderão, em caráter excepcional e de urgência, acolher crianças e adolescentes sem prévia determinação da autoridade competente, fazendo comunicação do fato em até 24 (vinte e quatro) horas ao Juiz

da Infância e da Juventude, sob pena de responsabilidade.(...) Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas.

As informações sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos foram abordadas pela pesquisadora, apresentando-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura. A estruturação da pesquisa foi baseada nas demandas dos sujeitos, sem a obrigatoriedade de seguir uma hierarquia de instrumentos. Consoante a esse formato de visualizar o fenômeno a partir do que ele expõe, entendemos que:

O Homem não é uma totalidade, acabada e determinada, mas sim um processo incompleto de totalização. Deste ponto de vista, todas as manifestações do comportamento humano seriam expressões do projecto existencial, projecto fundamental de autocriação e construção do seu próprio destino. (SARTRE, 1943 apud TEIXEIRA, 1997, p. 196)

Ao final, com o intento de abarcar as informações lançadas pelos interlocutores, seus relatos foram analisados tomando como referência a proposta da hermenêutica-dialética de Minayo(1996):

A união da hermenêutica com a dialética leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico (p. 227). (...) uma prática dialética interpretativa que reconhece os fenômenos sociais sempre com resultados e efeitos da atividade criadora, tanto imediata quanto institucionalizada. Portanto, torna como centro da análise a prática social, a ação humana e a considera como resultado de condições anteriores, exteriores mas também como praxis. Isto é, o ato humano que atravessa o meio social conserva as determinações, mas também transforma o mundo sobre as condições dadas (ibid., p. 232)

Na análise das informações Minayo (1996) indica a operacionalização de alguns passos:

A ordenação dos dados construídos engloba o mapeamento de todo o material empírico obtido, sua transcrição, organização (que já supõe o início de uma classificação desse material), releitura etc.

A classificação dos dados construídos envolve a leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecendo interrogações para identificar as “estruturas de relevância dos atores sociais”. Com base no que surge de relevante nos textos, elaboramos as categorias empíricas (específicas) que delinearão o(s) conjunto(s) das informações presentes nas comunicações dos sujeitos da pesquisa. A constituição do “Corpus” de comunicações, no qual deve ser feita uma leitura transversal para a identificação dos tópicos de informação ou temas, proporcionará um refinamento cada vez maior da classificação.

A análise final consiste na articulação, mais minuciosa, entre o material empírico e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo aos objetivos que foram traçados. Segundo Minayo (1996, p. 236), “esse movimento incessante que se eleva do empírico para o teórico e vice-versa, que dança entre o concreto e o abstrato, entre o particular e o geral é o verdadeiro movimento dialético visando ao concreto pensado”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de análise das informações obtidas nas entrevistas, inclinou-se para grandes possibilidades de investigação. Porém, para melhor entendimento dos resultados da pesquisa, acerca das percepções das jovens institucionalizadas e dos cuidadores da Casa Mamãe Margarida, com enfoque ao manejo destes e o produto dos vínculos nesse ambiente, foram discriminadas unidades de significado, obtidas através das entrevistas e do diário de campo.

No tocante às jovens, partiu-se da questão norteadora: De que forma você percebe que os diferentes manejos dos cuidadores desta instituição interferem em sua relação com os mesmos? Por outro lado, no turno dos cuidadores, lançamos a seguinte questão: Como você percebe que os diferentes manejos adotados por cuidadores interferem na relação com as jovens atendidas na Mamãe Margarida?

Dessa forma, com relação às jovens, dividimos nos seguintes tópicos: Vivências significativas na Casa; Minha relação com as cuidadoras; e a Relação entre as jovens abrigadas. Com os cuidadores, dividimos em: Conhecendo a casa, e o Primordial no contato com as jovens.

Faz-se necessário elucidar a importância de outra ferramenta da pesquisa, o diário de campo, com o mesmo, foi possível relatar a rotina das jovens abrigadas, como também, as participações das atividades que ali são realizadas: estudos, teatro, dança, divisão nos afazeres domésticos, alimentação, e muitas outras. O instrumento utilizado, além de descrever o que é vivenciado in loco, também nos possibilita perceber as relações interpessoais no abrigo. De acordo com Gordon Allport (1942), tal ferramenta descreve em crônicas a dinâmica das atividades exercidas na instituição pública ou privada, que ao olhar do diarista é significativo.

Por fim, consideramos importante esclarecer que no decorrer desta apresentação aparecerão diversos nomes de flores, baseados na flora da região Amazônica, que foram substituídos pelos nomes das participantes respeitando o sigilo ético.

I Unidade: O olhar sobre as jovens

1. Vivências significativas na Casa

Nos relatos das jovens, verificou-se na maioria um comportamento receoso, inclinando-se para o silenciamento ou respostas monossilábicas frente ao que era solicitado. Contudo, a partir do rapport, da contextualização das perguntas para o universo das jovens, somado na reafirmação do contrato de sigilo de suas respostas, o contato com as mesmas se tornou mais fluído e satisfatório.

Dentre as 10 meninas entrevistadas, 2 mencionaram a importância devido ao fato do abrigo acolher, além delas, seus filhos. O apoio que recebem para criá-los, tornou-se significativo, visto que fora da instituição as possibilidades seriam outras.

Aqui a gente tem tudo o que a gente quer, e em casa não tem. É isso. (...) Porque elas (as cuidadoras) ficam 24h na casa, conversando... é mais elas que dão amor, carinho que a gente nunca teve da nossa mãe, entendeu?! (Sinos da Mata)

Eu vim lá da maternidade pra cá com a minha filha(...) Porque eu gosto muito delas, que cuidaram de mim, logo que eu cheguei aqui doente. (Jasmim de Rio)

Segundo Lane(1984), o grupo reafirma e significa sua existência e ação grupal, a partir do seu contexto histórico, que abarque suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas.

Ainda sobre seus discursos, 5 adolescentes mencionaram a importância dos conselhos que recebem e a repercussão que causam nas suas vidas, verbalizam sentimento de inserção e acolhimento, considerando melhor do que se estivesse em casa ou na rua, sofrendo violências e abusos.

Conselhos. Me ajudaram muito que eu aprendi aqui. Melhorei bastante na minha vida. Esses vão ser os momentos que eu nunca vou esquecer do que eu passei aqui dentro. (Vitória Régia)

Eu vim pra por causa de abuso sexual, quando a minha vó tentava me botar na prostituição e ela me batia, ai eu vim pra cá. Eu vi que a minha situação ficou mais legal que antes, é nesse abrigo que eu quero ficar. Porque é um abrigo que me acolheu bem. Porque se eu ainda estivesse com a minha vó, eu com certeza não taria bem, taria no mesmo estado. (Ninfeia Azulada).

A partir dos seus relatos, observamos que as relações externas à instituição, ou seja, antes mesmo de serem acolhidas vivenciaram conflitos e fragmentação dos laços. Bock (1997, p.39) assinala que, “a relação do Indivíduo com a sociedade é uma relação praticamente inexistente. As relações apontadas como necessárias e importantes para o desenvolvimento do homem dizem respeito, fundamentalmente, às relações com os outros homens”. Por fim, outro fator evidenciado trata-se das possibilidades que a instituição disponibiliza, principalmente os cursos de capacitação que favorecem a qualificação das jovens na busca por emprego no mercado de trabalho.

É porque aqui eu tenho muito mais oportunidade de estudar, vou pra escola e volto E faço informática também, só que agora eu terminei, porque eu passei no curso de informática básica. Lá fora vou ter que precisar de todos esses cursos, que eu fiz aqui dentro. (Mururé Aguapé de Flor Azul)

É a parte aqui que eu faço curso, eu faço outras coisas, eu estudo, tenho uma convivência boa aqui, só, isso vai ser importante pra mim. E aqui eu ganho um monte de diploma, curso, aí eu achei isso muito importante, que eu to ganhando aqui dentro, que eu não podia ganhar lá fora isso. (Jasmim de Rio)

O ECA(1990) salienta que toda criança e adolescente tem direito à educação, ao esporte e ao lazer, sendo dever dos pais, da comunidade e do Estado resguardar tais direitos. Frente a isto, verificamos que os direitos à educação estão resguardados pela Instituição.

2. Minha relação com as cuidadoras

Conforme os relatos das adolescentes, evidenciou-se predileção por certos cuidadores, todos do sexo feminino, indicando os estreitos laços formados a partir da escuta, do acolhimento e afeto retribuídos. Foram evidenciados os sentimentos de amor, carinho, respeito e segurança, referenciados pelo tempo de permanência das cuidadoras na atenção às jovens, com isso, o acompanhamento da rotina das mesmas tornou-se um ponto favorável. As significações frente à Instituição e as cuidadoras foram expressas, atribuindo sentido de lar e de figura materna, respectivamente.

Porque elas ficam 24h na casa, conversando... é mais elas que dão amor, carinho que a gente nunca teve da nossa mãe, entendeu?! (Sinos da Mata)

Porque elas estão mais comigo no dia a dia, eles me tratam com amor e carinho. (Mururé Aguapé de Flor Azul)

Com alguns profissionais são boas, com outros são ruins. Porque tem alguns funcionários que sempre me tratam bem, assim do jeito que eu gostaria de ser tratada. E a parte ruim, é que tem outros que, não gostam de mim, do meu jeito. (Canarana)

Ela é boa. Porque quando eu converso com ela, ela me explica as coisas, ela me dá conselho, ela fala que não é pra mim fazer isso e nem isso. (Bromélia)

Porque eu gosto muito delas, dela. Que cuidaram de mim, logo que eu cheguei aqui doente. A mais que cuidou de mim foi a tia N., a Irmã I. e uma abrigada, a F. o nome dela. Eu gosto mais, do fundo do meu coração da irmã I. (Jasmim de Rio)

O afeto expresso nos discursos das jovens demonstra que a relação com as cuidadoras, mesmo com as suas limitações, é satisfatória e significativa. Os vínculos criados somam-se a partir das boas e más experiências. Conforme os estudos realizados por Tizard & Tizard(1971) apud Barros e Fiamenghi Jr. (2007, p. 1268), revelam que:

Os efeitos adversos do abrigo não provêm da separação da mãe, mas da qualidade da instituição na qual a criança é deixada. Segundo os autores, aquelas instituições que oferecem baixa proporção entre adulto-criança, condições de saúde, higiene e estimulações físicas e emocionais podem favorecer o desenvolvimento e não o prejudicar.

Com o advento dos avanços das lutas feministas e do contexto histórico que cada sociedade vivenciou, a família foi abrindo espaço para novas configurações e arranjos, expressando a sua instituição através de inúmeros moldes. Devido a isso, é errôneo definir um tipo de família ideal. Consoante as novas configurações familiares e as significações feitas pelas jovens, entende-se:

O conceito de arranjo familiar pode ser compreendido pela formação da família, com laços consanguíneos ou não, convivendo sob o mesmo teto, de forma que o modelo de organização, a função dos papéis familiares e as relações de afeto determinem a configuração a qual está inserida. (SOUZA; BELEZA & ANDRADE, 2012, p. 107)

Por outro lado, sentimentos de antipatia frente alguns cuidadores foram evidenciados, observados nos seguintes discursos:

As outras são muito chatas comigo. A da noite me acorda na maior ignorância de manhã. Eu não gosto dela, todo mundo sabe que eu não gosto dela. (Bromélia)

Não me sinto bem por causa das meninas, ai eu converso com a irmã só que ela não acredita em mim, ai algumas começam a encrencar comigo, mas ai ela nem liga. Me dá vontade de fugir. (Aninga de Várzea)

Bowlby(1990), ao discutir sobre a importância da sustentabilidade dos relacionamentos, denomina a *figura de relação*, sendo a confiança depositada em uma relação com o outro, e que através do fortalecimento desse laço, o indivíduo possa desenvolver-se satisfatoriamente. Acerca disso, compreendemos o papel do cuidador:

O cuidador é o mediador de muitos comportamentos que a criança desenvolverá, regulando sua atenção, curiosidade, cognição, linguagem, emoções, entre outros. Quando a criança é privada dessa relação, ela desenvolve angústia, exagerada necessidade de amor, fortes sentimentos de vingança e, em consequência, culpa e depressão (BARROS & FIAMENGI JR., 2007, p.1268)

3. Relações entre as jovens

Foi observado que na maioria dos relatos, os termos como: desentendimentos, brigas e discussões, foram trazidos pelas jovens no trato entre elas no abrigo, enfatizando a priori, o receio das meninas novas na Casa, dessa forma o autor assinala que:

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. (p. 24) (...)se todo o vínculo supõe uma concepção ampla da pessoa ligada por ele, devemos ir adiante e perguntar como o indivíduo enfrenta essa definição de si mesmo. (GOFFMAN, 1974, p.149)

Portanto, frente as concepções da instituição que as jovens estão inseridas, somado a forma como se constitui tal processo de ambientação do espaço divergente do lar doméstico, leva o indivíduo a questionar-se e criar novas definições e significados.

É porque tem muitas meninas que gostam de fazer grupinho, e querem ta toda hora só porque tão a mais tempo do que algumas, aí querem ser tipo as mandantes do abrigo, entende? ai isso influencia muito. É, só invenção delas de mais ninguém. As meninas novatas nem ligam, nem aí. E como eu mesmo fala, tem algumas meninas que chegam quietinhas aqui, ai passa meses, passa meses, ai elas ficam quietinhas, ai depois que elas começam a mostrar as asinhas delas, ai tem outras não, que já chegam mostrando o que é de verdade. (Canarana)

Ah, com as meninas são diferentes, tem umas meninas que se enturmam mais, tem outras que são recalçadas mesmo, ai é mais difícil de conviver, mas finjo que nem ouço. Não tem desavença, não tem esse negócio de briga não, quando é pra resolver, é só conversar assim, se não resolver, é só uma ignorar a outra, não tem esse negócio de toda hora assim. De vez em quando tem uma porrada por aqui. Eu já briguei com aquela menina ali na porrada. Fiquei de castigo por causa dela. (Vitória Régia).

Martín-Baró(1989) discorre que o grupo possui duas dimensões a pessoal e a estrutural, sendo a primeira uma dimensão de realidade direcionada a seus membros e a segunda mais estrutural referente à eles, ambas estão intrinsecamente ligadas entre si. Conforme Bion(1975) apud Danúzio Carneiro (1996, p.11):

Os pressupostos básicos de Bion estão assim implicitamente contidos na mentalidade do grupo em tarefa. E aí se colocam como verdadeiros esquemas organizadores do comportamento desse grupo, e que, frequentemente, poderá determinar um funcionamento grupal aberrante – ou excessivamente centrado numa liderança pessoal (na hipótese da dependência); ou excessivamente centrado numa ideia colocada como promessa, esperança para o futuro (na hipótese do acasalamento); ou excessivamente centrado na sua autopreservação, que é mantida como que o grupo reagisse atacando ou fugindo de ameaças internas ou externas (hipótese da luta-fuga).

Desta maneira, viver em grupo, independentemente de sua dinâmica, estrutura e relações de poder, é um constante processo de significação do eu, em uma relação dialética do eu-tu-mundo. A autora complementa o pensamento, reiterando que:

Assim, portanto, não pertencemos a nenhuma ideologia e a coisa alguma de forma fixa. Não pertencemos ao amado, ao amante, ao pai, a mãe, sequer ao nosso próprio corpo. Apesar de, em nosso cotidiano, empenharmo-nos em formamos estruturas a que possamos pertencer, criando redes de relações, que funcionam como redes de aprisionamentos, é este aprisionamento que, em sua absolutidade, é ilusório. (CRITELLE, 2007, p. 20)

Diante disso, faz-se necessário perceber as influências que o Outro causa no indivíduo, sendo dinâmico e instável fornecendo informações que são decodificadas num processo dialético de ressignificação.

II Unidade: O olhar sobre os cuidadores

1. Conhecendo a Casa

A Instituição é dividida entre profissionais que alternam de forma integral nos cuidados com as crianças e adolescentes, realizam atividades de limpeza, alimentação e outras atividades que possam surgir com as jovens. Há também a equipe técnica, constituída por Pedagogo, Psicóloga e Assistente Social, que possuem uma carga horária mais reduzida, porém não limitada na qualidade de contato com as jovens, dessa forma, também são consideradas como cuidadoras.

A partir dos relatos das mesmas, foi possível perceber que boa parte do quadro de profissionais, já foram meninas abrigadas na Instituição, com isso, tornando-se para as jovens, figuras de resiliência onde podem se espelhar. Por outro lado, a importância da experiência na Casa como abrigada, e também como cuidadora reflete as satisfatórias relações afetivas construídas, como também o valor significativo em possibilitar um suporte psicossocial e emocional àquelas e futuras abrigadas.

Já fui menina da obra. Conheci a obra pela minha irmã que já participava aqui, passava o dia na obra, ai eu tinha dezessete anos ne, foi quando engravidei. Ai a minha irmã falou com a irmã J. que mandou me chamar, ai eu fiquei participando da obra. Ai depois chegou uma bebe recém- nascida, como eu tava com bebê novo, a Irmã me chamou pra amamentar essa bebê, que ela era prematura. Ai fiquei aqui um ano amamentando ela, ai depois ela foi adotada, foi quando a Irmã me contratou para trabalhar aqui. Ai os pais dela que adotaram ela, ai eles compraram uma casa pra mim e pro meu filho, é essa casa que eu moro hoje. E eu continuei trabalhando aqui até hoje. (Amarelinha do Rio)

Porque eu fui menina daqui, já fui abrigada, já passei o dia na obra também ne, isso vamos dizer assim, o pouco que eu aprendi, passo pra elas. (Cachos Dourados)

Dessa forma, as cuidadoras tornaram-se peça fundamental no estabelecimento de vínculos sócio afetivos com as jovens, pois já vivenciaram a instituição, e como tal, conhecem os nuances subjetivos e físicos da referida experiência. Outro ponto positivo evidenciado, trata-se dos projetos de vida das adolescentes, onde analisam as possibilidades e vislumbram um futuro de qualidade. Consoante ao manejo adotado pelos cuidadores, a experiência em si, influencia positivamente no processo de resiliência das jovens, para isso, conceituamos o fenômeno a seguir:

Resiliência pode ser definida como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. (...) Ela engloba mais do que apenas sobreviver, atravessar ou fugir de uma provação angustiante. (...) É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio. (WALSH, F.,2005, p. 4)

Faz-se necessário elucidar que todos os fatores que possam ser um avanço significativo para as jovens, caminham positivamente para a qualidade dos seus vínculos afetivos.

A instituição por ter suas premissas principais baseadas no sistema religioso de Dom Bosco, as Irmãs, também atuam como cuidadoras na Casa. Diante dos seus discursos, a formação religiosa não possibilita nenhum curso ou oficina de preparação para atuarem em Abrigos Institucionais, tal ofício sendo apreendido através da prática, sem experiências ou qualquer outro contato prévio.

Não, porque quando eu professei, ser religiosa né, a primeira casa foi aqui, sem experiência nenhuma. E quando me falaram assim, obras sociais com meninas em situação de risco, eu vim com medo né. (Risos) Ai porque, quando eu cheguei aqui, uma menina me falou..., fui pra missa, uma das adolescentes que morava perto de nós, ai ela falou tanta coisa, ai de noite, fiquei ai refletindo ne: Poxa essa é a primeira menina que encontro e já fala tudo isso. Ai eu fiquei um pouco medrosa assim ne. Mas ai entreguei nas mãos de Deus e disse assim: Senhor, você me trouxe aqui, entrego meus trabalhos em tuas mãos. Então eu vejo assim, a gente tem que ser firme com elas ne, e vi que elas são muito afetivas, fico mostrando esses carinhos pra elas ne e consegui ne. Ai gostei do trabalho. Só que o nosso trabalho é assim: onde precisar, a gente muda de casa. Mas passei oito anos aqui, ai depois um ano fora, ai depois mandaram de novo. Ai como abriram uma casa das idosas, ai passei oito anos de novo como diretora delas, ai já vi uma diferença, trabalhar com adolescentes e com idoso. (Jasmim de Jardim)

Acompanho as meninas do abrigo e faço também... como eu fiz o curso de técnico de enfermagem também fico nessa área da saúde, dando informações para as mães, porque como fiz o curso de auxiliar ou de

técnico ne, e também fiz o curso da pastoral da criança ne, aí eu me identifiquei muito no trabalho da criança ne, aí então por isso que eu fiquei na parte do abrigo mas eu trabalho em todos, tanto na obra, onde precisa a gente está aí, para ajudar. (Quaresmeira Branca)

Frente a isto, verifica-se que no primeiro relato, o desconhecimento no trato com jovens em situação de vulnerabilidade, causou-lhe a priori medo e insegurança. Foucault (2002) reconhece tal fenômeno desde a Idade Clássica, onde o ser humano teme aquilo que desconhece, atribuindo anormalidade a tudo o que é diferente e fora de sua cultura. Por outro lado, no seguinte relato, o acúmulo de atividades, onde as cuidadoras assumem papéis que vão além de sua formação, o fazer na casa não é fixo e pré determinado, visto as possíveis habilidades e competências dos profissionais, estes se dispõem a atuar na área em que surgirem demandas, assumindo variáveis papéis na Casa. Para (MORENO, 1984, p.27), o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. Consoante a isto, outro autor exemplifica da seguinte maneira:

O indivíduo pode, neste caso, assumir diferentes papéis sociais e executar diferentes ações utilizando a mesma fachada. Separa-se, nesta situação, o comportamento social da ação individual e introduz-se um tipo de “mentira” social. Destarte, a fachada de comportamento pode ser a mesma, mas o papel que o indivíduo irá desempenhar pode ser alternado. (GOFFMAN, 1975, p.33)

Dessa forma, a instituição promove o aproveitamento das competências e habilidades de cada cuidador, sendo tangível pelo fato do tempo de permanência dos profissionais na Casa, onde a rotatividade dos mesmos é quase inexistente, facilitando a formação dos vínculos com as abrigadas.

Sim, por elas se espelham na gente, algumas ne. Como a gente já passou por aqui, a gente já... ta aqui até hoje, venceu muitas batalhas tanto aqui até hoje. Ai algumas sim querem ser que nem a gente, entendeu. Seguir o mesmo rumo. (Cachos Dourados)

Eu sempre digo pra elas: olha, o que eu aprendi, hoje quero ensinar a vocês, serem alguém na vida de vocês. Assim como eu quero o bem pra mim e p/ meus filhos, eu quero pra vocês também, que são minha primeira, segunda família ne. É assim minha vida, aprendendo um pouco com elas e também é... sabendo lidar com elas, são meio agressivas mas a gente consegue. (Quaresmeira Branca)

Acho que assim que elas tomam mais nosso amor por elas, porque elas são muito carinhosas. São umas meninas assim, vamos dizer assim, gostam de compartilhar um pouco delas com a gente e a gente tentar falar um pouco da a gente pra elas. Tentar dialogar com elas ne, falar sobre a realidade da vida, que não é fácil como eu disse é, eu já fui jovem, sofri nessa vida mas eu to aqui oh, hoje em dia. É tão bom a gente ouvir pela boca da família da gente dizer: Você é guerreira, você consegue tudo o que você quer. Mas é com esforço, é trabalhando, é batalhando, pra conseguir as coisas honestas, sempre digo isso à elas, é tão bom a gente ser elogiada pelas pessoas, por coisas boas, coisas ruins a gente só entrega na mão de Deus. (Amarelinha do Rio)

Por outro lado, a vivência de ter sido uma jovem institucionalizada, pode causar projeções dos cuidadores em face das jovens, comparando e relativizando suas demandas particulares. Os adolescentes devem ser observados a partir de suas singularidades, assim como as suas frustrações em significado próprio e incomparável. Vygotsky(1996) afirma que a concepção de homem existe somente a partir do reconhecimento do eu no outro, visto que ambos são mediados socialmente, porém enfatiza também que a vivência é única e ímpar, atribuindo sentido na formação da singularidade subjetiva.

2. O primordial no contato com as jovens

Dentre os relatos analisados, sentimentos de retribuição de afeto e carinho foram evidenciados, e principalmente, o diálogo e a escuta como ferramenta de aproximação com as adolescentes abrigadas.

Bom, em contato assim, tentar dialogar, saber o que se passa na cabeça na cabeça delas. E assim, é, elas são muito pensativas, elas tentam colocar as coisas assim, é da forma delas. Assim modo de se planejar, de fazer coisas erradas. Como eu sempre digo, a gente não deve pensar assim. A gente ta aqui, é profissional, pra a gente tenta ajudar a vocês ne. Porque eu digo a elas, o mundo minha filha lá fora não é fácil. Digo, porque quando eu saí daqui, é, pra tentar construir minha família, eu quebrei a cara mas aprendi. Nossa eu na minha adolescência, as vezes não gosto nem de lembrar, porque o motivo foi que eu vim parar aqui, é muito chato também, mas é como eu sempre digo pra elas, é bom pensar em coisas boas ne, colocar coisas boas na nossa cabeça, não deve pensar as coisas ruins. (Amarelinha do Rio)

Carinho, muito carinho. Elas vêm muito debilitadas. Muito carinho, muita atenção, conversar bastante com elas. Elas precisam muito disso. (Cachos Dourados)

Frente a isto, a participação ativa nesse processo envolve, entre outras coisas, dar voz às crianças e aos adolescentes em situação de acolhimento, e para isso é preciso

promover momentos de conversa e valorizar o que eles têm a dizer (Rossetti-Ferreira, Sólón, & Almeida, 2010). Consoante a isto, Rossetti-Ferreira et al. (2010, p. 71) enfatiza que, por meio da conversa, as crianças e os adolescentes podem aprender sobre si e construir suas histórias, uma vez que as experiências narradas ao outro favorecem a construção de seus próprios significados sobre o mundo e sobre si.

Essa escuta maternidade, que elas são muito carentes. Então a gente dando essa abertura pra elas e elas sentir ne, que ela confia em você ne, então a gente já tá com a faca e o queijo na mão né. A escuta é muito importante ne, elas tem muita coisa assim pra soltar, aí você tem que parar pra escutar. (Jasmim de Jardim)

Conforme o relato, a escuta está ligada intrinsecamente ao cuidado das profissionais frente às demandas psicológicas das jovens, Heidegger (2001) entende o cuidado como um conceito ontológico-existencial, que não deve ser compreendido por uma aceitação comum do termo. O cuidado é uma dimensão constitutiva do ser, e que Heidegger (2001) acredita ser uma condição própria do ser humano. Destarte, o cuidado é estar à frente de si mesmo e envolver-se com entes no mundo. Logo, cuidar constitui-se, pois, no exercício da pre-ocupação com o acontecer.

Hoje eu já estava até chorando, porque dia quinze ela vai embora, duas, já vai embora de uma vez para viver com sua família. Se eu tivesse condições, eu ia construir uma casa e ia levar vocês tudinho para morar comigo. **(Risos)**. É ruim a gente tenta se afastar assim, porque a gente se..., eu simplesmente me deixo abater mais, porque eu já vou me apegando mais rápido a elas, o modo delas serem carinhosas, elas gostam de conversar, tentar desabafar o que passa dentro delas. Tudo isso eu já imagino, fico conversando como se fosse minha filha, né, a gente já se pega num amor tão grande assim, que só de pensar em se separar, parece que tão tirando um pedaço de mim. (Quaresmeira Branca)

Por um lado, cuidar não é apenas projetar, seria um projetar responsabilizando-se, sendo também uma atitude de solicitude, de atenção para com o outro, de preocupação e de inquietação, uma vez que a pessoa que sente cuidado por alguém, sente-se envolvida e afetivamente ligada ao outro (AYRES, 2004; BOFF, 1999), e vice versa.

Dessa forma, faz-se necessário evidenciar que o vínculo entre cuidador e jovens abrigadas, reflete por um lado a carência no processo de desinstitucionalização e apego afetivo entre os profissionais e as adolescentes. Cabe à Instituição fornecer subsídios e

projetos que contemplem tais fatores, como também a continuação dos laços para além do Acolhimento.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Analisar como diferentes manejos de profissionais com jovens em situação de acolhimento institucional influenciam nos vínculos sócio afetivos que estes podem formar, propôs a romper arquétipos do qual a conserva cultural impõe cotidianamente. Com isso, nos debruçamos, a priori, no levantamento bibliográfico, visando a ampliação do referencial teórico, principalmente com respeito aos conceitos principais da pesquisa: adolescência, acolhimento institucional, formação de vínculos em instituições e a dinâmica dos novos arranjos familiares.

O processo de ressignificação das jovens é notório, como também o sentido que cada uma atribui ao seu contexto sócio cultural, percebendo diferenças de posicionamentos frente à Institucionalização. Vivenciar em conjunto com as cuidadoras e as jovens abrigadas, tornou-se ferramenta essencial na coleta do substrato afetivo presente no manejo e cuidado de cada profissional, além de perceber nas adolescentes o olhar de esperança num futuro de possibilidades, possibilidades estas que transmitem segurança e a produção do sonhar, elemento tão fragmentado em torno de suas histórias de violência.

O acolhimento institucional tornou-se uma medida protetiva viável em amparar crianças e adolescentes em situação de risco, resguardando os seus direitos e possibilitando um suporte afetivo que contemple suas aspirações e necessidades. Porém, não implica como único instrumento social, o papel da família independente de sua estrutura e dinâmica, precisa ser reafirmada e conduzida para o desenvolvimento harmônico e saudável dos seus integrantes, que em consequência, projetarão produtivamente na sociedade.

Destarte, os objetivos da pesquisa foram alcançados através do interesse e empenho da Instituição e dos seus profissionais em propiciar um espaço aberto para o diálogo e o estreitamento de laços com as crianças e jovens. No entanto, mesmo com o intuito de possibilitar o bem estar das abrigadas, há carência de formação técnica no trato das demandas das mesmas, como também a ausência de um espaço onde as cuidadoras possam expor suas dúvidas e frustrações.

Com isso, a Casa Mamãe Margarida torna-se um ambiente propício para novas pesquisas, onde assuntos referentes a promoção da reinserção familiar, das políticas

públicas com crianças e adolescentes, do processo de resiliência, e principalmente de cursos profissionalizantes para os cuidadores frente as temáticas supracitadas, serão bem recebidas como propulsor de discussões e na promoção de ações de mobilizações mais assertivas e eficientes.

Em suma, a troca de informações e o aprendizado assimilado com cada ator social da instituição tornou-se possível, somente pela prática realizada e a receptividade de todos em manter um canal aberto para a totalidade individual, onde o conhecimento e a experiência caminharam mutuamente, com o objetivo pautado na redução dos riscos e na qualidade de vida das jovens abrigadas.

REFERÊNCIAS

- ARPINI, D. M. (2002). Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2003, 21(3), 70-75.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 8, n. 14, p.73-92, set./fev. 2004.
- BARROS, R. B., & FIAMENGHI JR, G.A. Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico. *Ciência &Saúde Coletiva*, 12(5):1267-1276, 2007.
- BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes,1999.
- BOWLBY, J. Formação e rompimento de laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes; 1990.
- CRITELLE, D.M. Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2ª edição, São Paulo. Brasiliense, 2007.
- CARNEIRO, Danúzio. Grupo: esquema estrutural e dinâmica grupal. Fundação Biblioteca Nacional/Escritório de Direitos Autorais/Certificado de registro nº 176.542. Disponível em: www.campogrupal.com/esquema.html.
- CARNEIRO, Danúzio. Liderança Grupal. Curso in: Congresso Brasileiro de Psiquiatria, 140, 1996, Belo Horizonte.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (1990). Diário Oficial da União. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília, D.F., Palácio do Planalto.
- FOUCAULT, M. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002. 354 p.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- GOFFMAN, Erving. (1974). Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Perspectiva.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAUZ, G. V. M., & BORGES, J. L. (2012). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte dos profissionais. *Psicologia Ciência e Profissão*,2013, 33(4), 852-867.
- MARCÍLIO, M. L. (1997). A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. Em M. Freitas (Ed.), *História Social da infância no Brasil* (pp. 51-76). São Paulo. Cortez.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996.

MORENO, J.L. (1984). Psicodrama. São Paulo: Cultrix.

PLUMMER, K Documents of life 2. An invitation to a critical humanism. London: Sage Publications, 2001.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., SÓLON, L. A. G., & ALMEIDA, Y. G. (2010). A delicada arte da conversa e da escuta. In D. C. F. Bernardi (Org.), Cada caso é um caso: estudos de caso, projetos de atendimento (pp. 61-73). São Paulo, SP: Associação Fazendo História, NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente.

SIQUEIRA, A. C., & Dell’Aglío, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 71-80.

SOUZA, A.B.L., BELEZA, M.C.M., & ANDRADE, R.F.C. Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, n. 5, p. 105-119, dez. 2012

TEIXEIRA, JOSÉ A. CARVALHO. Introdução às abordagens fenomenológica e existencial em psicopatologia (II): As abordagens existenciais. *Análise Psicológica* (1997), 2 (XV): 195-205

TIZARD, J., & TIZARD, B. The social development of two-year-old children in residential nurseries. In: Schaffer HR, editor. *The origins of human social relation*. London: Academic Press; 1971. p. 147-160.

VYGOTSKY, L. S. (1996). Obras escolhidas. *Psicología infantil (incluye psicología del adolescente/ problemas psicología infantil)*. (L. Kuper, Trad.) (Vol. 4). Madrid: Visor

WALSH, F. Fortalecendo a Resiliência Familiar. São Paulo: Roca, 2005.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Quem olhará por mim? O encontro entre cuidadores e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Pesquisador: Ermelinda do Nascimento Salem José

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32275814.4.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 708.310

Data da Relatoria: 17/06/2014

Apresentação do Projeto:

O estudo frente às relações entre cuidadores e jovens institucionalizados vem a cada dia aumentando seus horizontes práticos, no sentido de possibilitar ao profissional um olhar mais humanizador com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Em razão da formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente, e os avanços da Psicologia Social, os manejos dos profissionais atribuídos aos abrigados vem sofrendo mudanças, traçada pela historicidade que o fenômeno adolescência carrega e incluindo também a forma como foi construído e se constituindo em um movimento dialético entre sociedade e meio. Visto isso, a presente pesquisa consistirá na investigação dos manejos dos cuidadores como um importante fator na formação dos vínculos sócio afetivos. Desta feita, objetivou-se analisar como diferentes manejos de profissionais com jovens em situação de abrigamento influenciam nos vínculos sócio afetivos que estes podem formar, bem como investigar como os profissionais caracterizam o manejo que utilizam com esses jovens, investigar como é compreendido o manejo dos profissionais pelos próprios jovens e identificar situações que evidenciam a formação de vínculos sócio afetivos de jovens em situação de abrigamento. A pesquisa contará com uma metodologia qualitativa e os instrumentos utilizados serão entrevista semiestruturada, diário de campo e observação participante. As informações coletadas serão

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



Continuação do Parecer: 708.310

analisadas a partir da perspectiva hermenêutica-dialética, no qual enfatiza a compreensão e a crítica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como diferentes manejos de profissionais com jovens em situação de abrigo influenciam nos vínculos sócio afetivos que estes podem formar.

Objetivo Secundário:

- Investigar como os profissionais caracterizam o manejo que utilizam com esses jovens;
- Investigar como é compreendido o manejo dos profissionais pelos próprios jovens;
- Identificar situações que evidenciam a formação de vínculos sócio afetivos de jovens em situação de abrigo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não há a indicação de riscos nesta pesquisa

Benefícios:

Este estudo pretende chegar ao entendimento dessa temática, promovendo, desta forma, ganho significativo para a atuação de cuidadores e jovens, bem como para o profissional de psicologia atuando nesta área específica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de Iniciação Científica/PIBIC, para execução no período de 2014-2015 pela discente do Curso de Psicologia, Andreza Cristina da Costa Silva, sob a orientação da Profª Drª Ermelinda do Nascimento Salem José. A pesquisa será realizada na Casa Mãe Margarida (Zona Leste de Manaus), instituição que abriga meninas e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Trata-se de uma pesquisa de relevância social e científica, considerando a importância da temática. O objetivo da pesquisa está em consonância com a metodologia proposta para obtenção e análise dos dados, bem como apresenta cronograma e orçamento compatíveis. A pesquisa terá como público-alvo 20 participantes, sendo 10 adolescentes entre 14 a 18 anos e 10 profissionais da instituição.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de Rosto: Apresentada e assinada pela Diretora da Faculdade de Psicologia, Profª Drª Iolete Ribeiro da Silva;
2. Anuência Institucional: Não apresentado;

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

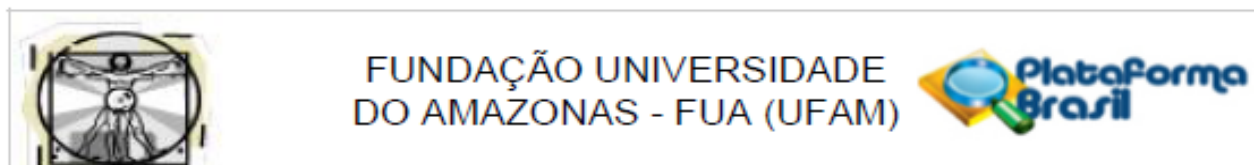
UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 708.310

3. TCLE: Apresentado e adequado;
4. Instrumentos de obtenção de dados: Não se aplica.
5. Critérios de inclusão e exclusão: Apresentados e adequados;
6. Riscos e benefícios: Apresentados. Benefícios adequados, mas o item referente aos riscos deve ser redimensionado, uma vez que toda pesquisa realizada com seres humanos envolve riscos;
7. Cronograma: Apresentado e adequado;
8. Orçamento: Apresentado e adequado.

Recomendações:

Inserir no TCLE espaço para assinatura datiloscópica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando as exigências da Resolução 466/12, a pesquisadora responsável terá no máximo 60 dias para solucionar as pendências abaixo relacionadas:

1. Reelaborar o item dos benefícios, uma vez que toda pesquisa que envolve seres humanos implica em riscos e, indicar qual acompanhamento será dado aos participantes, caso haja desconforto ou constrangimento;
2. Apresentar o Termo de Anuência Institucional da Casa Mãe Margarida.

Na oportunidade, é necessário enfatizar que a obtenção de dados junto aos sujeitos somente deverá ser realizada após aprovação final do projeto pelo CEP.

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

A pesquisadora responsável tem 60 dias para responder a este parecer atendendo TODAS as pendências, e deve implementar as alterações no Protocolo de Pesquisa da Plataforma Brasil, de forma a gerar novo arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO, com as alterações.

REITERAMOS QUE É NECESSÁRIO READEQUAR O CRONOGRAMA NA RESPOSTA, ASSEGURANDO QUE O CONTATO COM OS SUJEITOS SOMENTE OCORRA APÓS A APROVAÇÃO DO PROTOCOLO PELO CEP, se ainda for o caso.

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 708.310

MANAUS, 03 de Julho de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br